



ISSN: 1983-8379

Por uma literatura pornográfica

Fernanda Pires Alvarenga Fernandes¹

RESUMO: Este trabalho propõe pensar a recepção de obras de arte e literárias a partir do pressuposto de que o senso comum institui um público conservador, pouco dialético e propenso a reações de censura. Busca também avaliar estratégias de intervenção no espaço público a partir do uso de temas considerados eróticos ou pornográficos, que desestabilizariam a recepção convencional. Procuramos diferenciar obras que são aceitas no consumo privado e outras que deslocam o debate para a esfera pública.

Palavras-chave: Recepção; Consumo Midiático; Democratização; Esfera Pública.

ABSTRACT: This paper proposes to discuss the reception of art works and literature from the assumption that establishing a common sense conservative audience, some dialectical and prone to reactions of censorship. It also seeks to evaluate intervention strategies in the public space from the use of themes considered erotic or pornographic material, which would destabilize the standard reception. We seek to differentiate between works that are accepted in private consumption and others that move the debate into the public sphere.

Keywords: Reception; Media Consumption; Democracy; Public Sphere.

Introdução

A pergunta mais frequente quando se trata de Literatura e Novas Tecnologias² recai sempre sobre o fim do livro e a sobrevivência do formato impresso frente à internet e aos apelos da leitura fragmentada e distanciada. Vivemos um momento de grande euforia e também de muitos temores pelas novas possibilidades que os estudiosos da área apontam como tempo de transformação de sensibilidades.

No intuito de conectar com a pesquisa³ de doutorado em curso, que abarca uma investigação mais ampla acerca do público na cultura contemporânea, interessa-nos questionar em que medida as transformações em andamento na sociedade atual constroem novos modos de participação na cultura a fim de promover, através da arte e da literatura, efetivos debates capazes de redimensionar o espaço público.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Tema da disciplina do prof. Dr. Rogério Ferreira, para a qual este trabalho foi primeiramente idealizado.

³ Orientada pelo prof. Dr. Alexandre Graça Faria.



ISSN: 1983-8379

Partimos de alguns casos da cultura, literária ou não, cujo escopo nos permite dizer que as novas tecnologias podem estar transformando a sensibilidade, mas ainda se mostram pouco efetivas nas construções democráticas de participação. A ideia de ágora virtual aparenta ser uma utopia distante e as redes sociais parecem se firmar como espaço de relações de troca e consumo privados, configurando um ambiente doméstico longe de qualquer proposta comparável ao ideal de *polis* grego.

Embora o pensamento hegemônico nos diga que vivemos um momento de democracia e liberalismo, nos dias de hoje ainda se convive com muitas atitudes de censura e retaliação típicos dos períodos ditatoriais. Observa-se, porém, que tais atitudes não adquirem a centralidade nas discussões e demandas políticas obtida nos chamados Estados de exceção, mas seguem acontecendo relegadas a um segundo plano, recalcadas sob certo cinismo que permite o discurso da tolerância – e quase sempre se limitam às relações privadas, sem sequer chegarem ao debate ou a julgamento público. Assim, é até possível ter opiniões discordantes, mas não se chega a discuti-las; se aceita o diferente, mas dentro das regras do dominante.

Um exemplo prosaico de que a regra do jogo é mais limitadora do que supomos está na opção “curtir” da rede social Facebook, ou melhor, está na ausência de opção para que alguém diga que não gostou de algum texto, link, foto ou comentário de um amigo. Apesar de todo o potencial dos novos suportes, que incluem a natureza procedimental, participativa, espacial e enciclopédica dos ambientes digitais (MURRAY, 2003), o uso de tantos recursos em jogos, histórias e redes sociais obedece a moldes ideológicos. No caso do Facebook, a rede não demonstra ter sido construída para crítica, debate ou discordância de qualquer gênero e a solução mais prática para qualquer conflito é ignorar ou excluir usuários.

Embora Murray indique que o modelo de escolha sim/não seja uma estrutura dos convencionais programadores da década de 1970 e que o interator de hoje é convidado a navegar em ambientes digitais muito mais vastos, o protótipo dual “optatório” se mantém, ainda que num cenário capaz de proporcionar o sentimento de colaboração criativa.



ISSN: 1983-8379

A exclusão⁴ foi a pena que o Facebook submeteu ao artista dinamarquês Frode Steinicke, em fevereiro de 2011, por ter exposto em seu perfil o quadro *A origem do mundo* (1886), do pintor realista francês Gustave Courbet. A obra é um nu feminino em close e havia sido postada para ilustrar comentários sobre uma transmissão da TV pública dinamarquesa sobre o tema “sexo nu”. A desativação da conta do usuário se deu sob a alegação de que as regras do site de relacionamento impedem o nudismo para assegurar que a rede “permaneça um meio virtual seguro para visitar, inclusive para as muitas crianças que o utilizam” (*apud* AFP, 2011).

O modelo utilizado para expurgar a rede social não é mais raro longe das telas dos computadores. Dentre vários casos, vale lembrar a censura do livro de Ferréz, *Capão pecado*, oficialmente adotado na rede pública e depois recolhido das escolas de São Paulo; a apreensão do romance *Pornocracia*, de Catherine Breillat, durante uma feira de livros em Portugal, por utilizar na capa o já citado quadro de Courbet; e a demissão do poeta e professor Oswaldo Martins da Escola Parque do Rio de Janeiro, depois que um grupo de pais de alunos descobriu sua poesia erótica. Tomamos, assim, o tema da pornografia na literatura e na internet como um tópico particularmente útil para nossa discussão dos limites entre o público e o privado.

Em seu *História universal da destruição dos livros*, Fernando Baéz cita a queima das *Cartas filosóficas* (1734) de Voltaire autorizada pelo Parlamento e vaticina: “A França foi o berço da liberdade europeia porque também foi o berço da censura.” (2006, p. 203). Contra a obra de Voltaire, pesava a acusação de “inspirar a libertinagem mais perigosa para a religião e para a ordem da sociedade” (*apud* BAÉZ, 2006, p. 203). Baéz elenca motivos políticos, religiosos, econômicos e também banais para que obras impressas e bibliotecas inteiras tenham sido destruídas através dos tempos. Entretanto, imbricado com outras causas, vemos sempre um ensejo moral para censura e queima sistemática de diversas edições. Entre as que arderam no fogo, o autor cita o romance *Memoirs of a woman of pleasure* (1749), de John Cleland; *Satyricon*, de Petrônio; *Le théâtre érotique de la rue de La Santé suivi de La grande symphonie des punaises* (1864), de Louis Lemercier de Neuville; *Memórias* (1949), do

⁴ Cabe aqui perguntar se a palavra exclusão não seria um eufemismo dos nossos tempos cibernéticos. Afinal, neste caso, o banimento da rede social não seria comparável ao exílio forçado ou mesmo à eliminação/execução sumária, bem ao gosto das ditaduras?



ISSN: 1983-8379

historiador Boussingault; *Anne on my mind*, de Nancy Garden (1982), e uma lista que parece infundável de títulos e técnicas de extermínio de livros.⁵

O levantamento de Baéz alerta que, ao longo da história, a sistemática censura, e consequente destruição dos livros, não é operada por homens ignorantes. “Depois de 12 anos de estudo, concluí que quanto mais culto é um povo ou um homem, mais disposto se mostra a eliminar livros sob pressão de mitos apocalípticos” (BAÉZ, 2006, p. 27). Sua constatação nos leva a questionar se todo o avanço na cultura tecnológica não manteria o mesmo padrão de destruição de possibilidades de conhecimento na era digital.

Além disso, é importante ressaltar que a pornografia é moralmente aceita e consumida “entre quatro paredes”. O ato de tornar público um debate através de temas tomados como pornográficos poderia ser assumido como um recurso capaz de chamar a atenção – e dismantelar certos discursos – para o estado de dependência do mercado e da mentalidade dominante? Para responder a esta questão, se faz necessário observar a transformação ocorrida no sistema de circulação da arte e da construção da esfera pública, no intuito de identificar que tipo literatura ou prática cultural tem a capacidade, a partir de sua estética, de estimular um debate e compartilhá-lo publicamente, ou seja, conferir à estética uma dimensão política.

Assim, há que se conceituar pornográfico não apenas o que explicita funções sexuais, mas propostas capazes de interferir nessas reconfigurações entre o público e privado. Nesse sentido é possível encontrar uma excelente formulação que pode ser usada como ponto de partida para a reflexão teórica em uma obra de ficção. Trata-se do conto “Intestino grosso”, de Rubem Fonseca. No conto, se representa a entrevista de um escritor que, ao ser tachado de pornográfico, trava o seguinte diálogo com o repórter:

“Joãozinho e Maria foram levados a passear no bosque pelo pai que, de conchavo com a mãe dos meninos, pretendia abandoná-los para serem devorados pelos lobos. Ao serem conduzidos pela floresta, Joãozinho e Maria, que desconfiavam das intenções do pai, iam jogando, dissimuladamente, pedacinhos de pão pelo caminho.

⁵ Para realizar os expurgos, os sindicatos morais mobilizavam e continuam mobilizando grupos em ações que soam bizarras e anacrônicas. Vejamos uma história registrada por Baéz: “Em março de 1997, os bibliotecários da Escola Hertford mandaram destruir trinta mil livros, que haviam sido doados, sobre temas homossexuais. Anne Saita informou que 35 voluntários, durante oito horas, enterraram os livros. O superintendente da escola, Andrew Carrington, justificou-se definindo os livros como impróprios para estudantes” (2006, p.301-302).

ISSN: 1983-8379

[...] Graças à astúcia de Joãozinho, ambos afinal conseguiram jogar a velha num tacho de azeite fervendo, matando-a após longa agonia cheia de lancinantes gemidos e súplicas. Depois voltaram para a casa dos pais, com as riquezas que roubaram da casa da velha, e passaram a viver juntos novamente.”

“Mas isso é uma história de fadas.”

“É uma história indecente, desonesta, vergonhosa, obscena, despudorada, suja e sórdida. No entanto está impressa em todas ou quase todas as principais línguas do universo e é tradicionalmente transmitida de pais para filhos como uma história edificante. Essas crianças, ladras, assassinas, com seus pais criminosos, não deviam poder entrar dentro da casa da gente, nem mesmo escondidas dentro de um livro. Essa é uma verdadeira história de sacanagem, no significado popular de sujeira que a palavra tem. E, por isso, pornográfica. Mas quando os defensores da decência acusam alguma coisa de pornográfica é porque ela descreve funções excretoras, com ou sem o uso de nomes vulgares comumente referidos como palavrões. O ser humano, alguém já disse, ainda é afetado por tudo aquilo que o relembra inequivocamente sua natureza animal. Também já disseram que o homem é o único animal cuja nudez ofende os que estão em sua companhia e o único que em seus atos naturais se esconde dos seus semelhantes.” (FONSECA, 2010, p. 142)

O Autor provoca um deslocamento na ideia de pornografia na medida em que força uma releitura ideológica dos discursos tradicionalmente moralizantes presentes na tradição cultural. Para compreendermos o panorama a que o Autor se refere na entrevista, pensemos um pouco mais nos perigos que a pornografia representa a partir do quadro de Courbet.

1. Jogos de representação

"Ceci n'est pas une pipe", já nos alertou Magritte. E *A origem do mundo* não é simplesmente mais uma imagem de nu explícito, como acreditaram os administradores de conteúdo do site de relacionamentos Facebook, que retiraram do ar o perfil do artista dinamarquês que publicou o quadro de Courbet em sua página pessoal. Produzido entre 1928 e 1929, o quadro de René Magritte tornou-se um marco na consciência da arte e de seu sistema no século XX⁶ por sondar os limites entre o real e a representação, tema que o pintor

⁶ Diversas obras, em várias épocas, travam debates semelhantes à proposta de Magritte, colocando em cena jogos de impostores e imposturas, vide *A roupa nova do rei*, conto escrito em 1835 pelo dinamarquês Hans Christian Andersen. Entretanto, o reconhecimento da influência do sistema, com forte acento nas questões de mercado, é visível na arte a partir da década de 1970 e acontece, em parte, no seio da arte conceitual, que busca refletir, a partir das vanguardas modernas, a natureza da obra de arte mediante tudo o que a cerca. Uma das questões motivadoras de tal reflexão se dá no uso de aspirações nobres da arte para agregar valor mercantil à obra. Em seus estudos sobre a produção simbólica e a socialização da arte, Canclini aborda esse processo nas artes visuais nas últimas décadas do século XX, porém na perspectiva do campo literário Bourdieu nos mostra o jogo de



ISSN: 1983-8379

aprofundou na série *La condition humaine*, de 1933. Sob o título *A traição das imagens*, a tela ganha força com o acréscimo da frase “Isto não é um cachimbo” à leitura da figura. O texto se torna motor para interpretações menos ingênuas da obra, indicando que a traição dos sistemas de representação é rica porque mesmo as reproduções fiéis nunca serão a coisa em si.

Obras como a de Magritte nos ensinam a desconfiar do mundo tal como ele é e, ao se desdobrarem, instauram um paradoxo que multiplica os enigmas,⁷ corrompendo ou desafiando a onipotência de um sistema artístico estabelecido, com regras, sintaxe e suporte próprios. No entanto, desconfiar do mundo e preparar terreno para a construção de outros mundos é extremamente perigoso para a manutenção das verdades estabelecidas. Ao modificar o olhar sobre o real, é possível reconhecer que as coisas não precisam continuar do jeito que estão, ou do jeito que têm sido, daí a importância do debate que a arte torna público através da desestabilização de verdades e de novas estéticas.

O espírito de desconfiança e desestabilização de verdades está presente na obra de Courbet. Não se trata de um nu qualquer, mas da exibição ostensiva do sexo. Se o caráter explícito é no senso comum evocado como algo que tornaria menos “artística” a obra – isso, claro, nas inócuas discussões sobre os limites entre pornografia e erotismo –, aqui o sexo literalmente explícito é o que, associado ao título, torna o quadro efetivamente perigoso no sentido de alçar à leitura que rompe com a teogonia em *A origem do mundo*, instaurando uma genealogia contrária à moral cristã.

Embora seja bem anterior à obra de Magritte, a distância histórica e temporal atualiza a leitura de Courbet, em cuja tela poderíamos escrever “Isto não é uma vagina”. Ao atingirmos esta camada de leitura, é possível constatar que a violência para com o observador – e seus pré-conceitos – se dá muito mais na provocação associada ao título, por motivar reflexões que deslocam o *status quo*, do que pelo consumo da imagem no sentido de estímulo sexual, uma vez que a sociedade é permissiva quanto ao uso privado e sigiloso do que convencionou rotular de pornográfico.

influências em períodos anteriores, expondo como o gosto tem origens sociais, assim como a produção, sendo ambos legitimados através de interiorizações que criam o que ele chama de *habitus*. Cf. Bourdieu, 1996.

⁷ Cf. Foucault, 2002.



ISSN: 1983-8379

Segundo Freud, o emprego do sexo com finalidade unicamente reprodutora se mostrou irrealizável ao longo da história da humanidade, porém a limitação da sexualidade acontece na cultura obedecendo à “coação da necessidade econômica, visto que ela precisa subtrair à vida sexual uma grande quantidade de energia psíquica que ela mesma trata de gastar” (FREUD, 2010, p. 112). Freud caracteriza esse fato como processo um processo exploratório e anuncia que o temor pela insurreição dos oprimidos induz à adoção de medidas preventivas que proíbam diversas expressões e cita como exemplo clássico e educativo a proibição das manifestações da vida sexual infantil.

Esse processo regulatório e repressor que é a vida em sociedade gera “o mal-estar da civilização” ou “o mal-estar na cultura”⁸, em cujo bojo encontra-se também a questão religiosa, pois, segundo Freud, a religião lesaria as possibilidades de escolha do indivíduo ao impor um mesmo caminho a todos. “Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e desfigurar a imagem do mundo real de modo delirante, o que tem como pressuposto a intimidação da inteligência.” (FREUD, 2010, p.78-79).

As armadilhas à inteligência são bem identificadas, por exemplo, no célebre caso do julgamento de Flaubert pelo romance *Madame Bovary*. O procurador toma o artifício do discurso indireto livre como uma constatação objetiva do narrador à qual o leitor deva dar crédito e não como a visão subjetiva da personagem, o que estabelece o equívoco da leitura. Aqui nos é particularmente útil a análise de Jauss:

Se, no romance, nenhuma das personagens apresentadas poderia condenar Emma Bovary, e se nenhum princípio moral se impõe em nome do qual se poderia condená-la, não se está, então, juntamente com o “princípio da fidelidade matrimonial”, questionando também a “opinião pública” dominante e o “sentimento religioso” no qual ela se assenta? A que instância se há de levar o caso de *Madame Bovary*, se as normas sociais até então vigentes – *opinion publique, sentiment religieux, morale publique, bonnes moeurs* – não bastam para julgá-lo? Tais perguntas, explícitas e implícitas, não exprimem de modo algum uma incompreensão estética ou uma tacanhez moralizadora da parte do promotor. Nelas se manifesta, antes, o inesperado efeito produzido por uma nova forma artística que foi capaz de, mediante uma nova *manière de voir les choses*, arrancar o leitor de *Madame Bovary* da certeza de seu juízo moral, e que transformou novamente num problema em aberto uma questão já previamente decidida pela moral pública. (JAUSS, 1994, p. 55-56)

⁸ Na tradução brasileira mais recente, feita por Renato Zwick para a L&PM a partir de longa pesquisa, optou-se por mudar o título já largamente empregado no país.



ISSN: 1983-8379

A partir da contextualização freudiana e da análise de Jauss, podemos retomar a leitura do quadro de Courbet encarando-o como um ato estético e, assim, uma obra de arte de suma importância; não só por suas características pictóricas, pelo realismo que encerra no retrato da vagina, ou apenas pela ruptura com temas e formas do academicismo da época, mas por trazer em sua estrutura um jogo sensível para deslindar diversas questões acerca de seu tempo e dos dias de hoje. Como observa Jauss, a arte pode “mediante uma forma estética inabitual, romper as expectativas de seus leitores e, ao mesmo tempo, colocá-los diante de uma questão cuja solução a moral sancionada pela religião ou pelo Estado ficou lhes devendo” (JAUSS, 1994, p. 56).

Em pleno século XXI, quem poderia condenar a postagem numa rede social de uma pintura até certo ponto acadêmica, já canônica e centenária e que se encontra exposta em um dos maiores museus de Paris sem qualquer classificação etária? Transferindo as perguntas quanto ao julgamento de Flaubert para o (não)julgamento de Frode Steinicke, o “promotor” do Facebook teria a mesma compreensão estética que o magistrado francês?

A despeito do lugar comum que transmite a ideia de que o ambiente da internet seria, até mais que um espaço democrático, um território sem lei, vivenciamos diversos mecanismos de controle e legitimação ideológica na rede. Na era da sociabilidade cibernética e do computador como meio expressivo, os perigos alienantes da realidade virtual muitas vezes são apresentados como máquinas manipulatórias, desumanizadoras, degradantes. Mas, conforme demonstra Murray, a questão não está unicamente relacionada ao ambiente imersivo, conforme propõem algumas leituras, especialmente a partir das narrativas de Aldous Huxley, com *Admirável mundo novo*, e Ray Bradbury, com *Fahrenheit 451*, indicando que quanto mais convincente for o meio mais perigoso ele é. Esses ambientes tão reais quanto o mundo, ou “mais reais que a realidade” seriam convincentes demais ao ponto de nos conduzir à bestialidade. Sob esta perspectiva, “os livros são exaltados como uma melhor tecnologia de representação devido às suas limitações: sua escassa alimentação de dados sensoriais torna mais fácil resistir às suas ilusões” (MURRAY, p. 35).

A autora cita tal posicionamento extremado para contrapor às possibilidades de escolha que o mundo digital oferece. No entanto, se os críticos adeptos dessa visão

8



ISSN: 1983-8379

catastrófica acreditam que o meio eletrônico é uma ameaça ao poder reflexivo da cultura impressa, a própria cultura impressa nos dá vários exemplos de que tal forma de interação do ser humano com a realidade através de jogos de representação que se confundem com os próprios fatos não é privilégio do mundo digital.

Murray exemplifica sua análise com *Dom Quixote* e *Ligações perigosas*. A própria relação entre o Cavaleiro da Triste Figura e a novela de cavalaria é similar àquela estabelecida entre Emma Bovary e os folhetins, o que consagrou, inclusive, a expressão bovarismo. Com relação especificamente à Flaubert, é importante destacar a consciência que o poeta demonstrava de sua função de “ilusionista”, a despeito da forma como os críticos o associaram à escola realista.

Designado como chefe da escola realista, depois do sucesso de *Madame Bovary*, que coincide com o declínio do primeiro movimento realista, Flaubert fica indignado: "Acreditam-me apaixonado pelo real, enquanto o execro; pois foi por ódio ao realismo que empreendi esse romance. Mas não detesto menos a falsa idealidade, pela qual somos logrados nos tempos que correm". Essa fórmula (da qual já afirmei o valor matricial) revela o princípio da posição totalmente paradoxal, quase "impossível", que Flaubert vai constituir, e cujo caráter propriamente inclassificável manifesta-se nos debates insolúveis que ele suscita entre aqueles que querem puxá-lo para o realismo e aqueles que, mais recentemente, quiseram anexá-lo ao formalismo (e ao nouveau roman). (BOURDIEU, 1996, p.112)

A rigor, a estética realista já começa a se constituir como elemento do romance burguês desde o romantismo. O que está em jogo, então, a partir do posicionamento de Flaubert, não é exatamente a maior ou menor exatidão com que se representa o real, mas a maneira como se constrói ou se compartilha com o leitor a percepção de que a própria “vida como ela é”, em sociedade, pode também estar sujeita a convenções em nada diferentes da ficção.

No princípio do funcionamento de todos os campos sociais, trate-se do campo literário ou do campo do poder, há a *illusio*, o investimento no jogo.

[...]

Objetivar a *illusio* romanesca, e sobretudo a relação com o mundo dito real que ela supõe, é lembrar que a realidade com a qual comparamos todas as ficções não é mais que o referente reconhecido de uma ilusão (quase) universalmente partilhada. (BOURDIEU, 1996, p. 49-50)



ISSN: 1983-8379

Portanto, o que pode diferenciar a melhor compreensão desses jogos representativos está mais relacionado a dois outros quesitos indispensáveis. O primeiro é a habilidade de leitura que consiste em, mais que dominar o código, ser capaz de elucidar, de desvendar as complexas relações entre a representação do mundo e o mundo. O segundo é a potência que a obra vai apresentar para poder interferir, de forma transgressiva, não exatamente na realidade, mas no aparato ideológico que faz com que acreditemos que a realidade seja como o senso comum a percebe.

Assim não é apenas o tema pornográfico em si, compreendido como explicitude das funções sexuais, que terá esse poder transgressor, mas um mecanismo mais complexo de representações que só poderá ser elucidado através de uma leitura hábil.

Por trás da pintura realista de temática erótica de Courbet, há uma concepção cosmológica expressa no título da obra. *A origem do mundo* reflete sobre a gênese e a evolução de nossa sociedade e, longe de tratá-la como um cosmos no sentido dicionarizado de “conjunto organizado e harmônico”, traz à tona o universo ambíguo e desestabilizador em que vivemos, propondo uma cosmogonia crítica através da arte. Nesse sentido, as reações contra tal obra de arte carregam-se de conotações morais e não estéticas.

Em Estados autoritários por mais que haja operações sigilosas e decisões sem explicação, a censura é institucionalizada. Hoje, não se sabe de onde vem exatamente o carimbo e se aplica o expurgo cultural muito mais através de restrições econômicas, ou de acesso, ou pelo cerceamento de liberdades que parecem consensualmente autorreguladas, como no caso da exclusão do perfil realizada pelo Facebook. Uma sociedade que acredita viver em plena liberdade artística, mas é capaz de atos repressores e autoritários sem sequer debater publicamente a aceitabilidade dos padrões que estariam sendo infringidos.

Como esses padrões, via de regra, são baseados em fundamentos morais, é justamente por afetar o padrão moral institucionalizado que a arte supostamente pornográfica pode ser eficiente, conforme se destacou no conto de Rubem Fonseca.

Para o crítico de arte Jorge Coli,

Pornografia é menos um conceito que um insulto, um preconceito. [...] Se tivermos mesmo que situar a pornografia num campo conceitual, este deve se localizar na moral, e não na estética ou na arte. Na estética, na arte, grandes ou pequenas obras,

10



ISSN: 1983-8379

“altas”, ou “baixas”, nobres ou vulgares, podem corresponder entre si, e iluminarem-se mutuamente. (COLI, 2011, p.6)

Para pensarmos um exemplo que possa fazer contraponto à reflexão desenvolvida, a fim de reafirmá-la, podemos tomar o caso de sucesso do livro *O Doce veneno do escorpião: O diário de uma garota de programa*. Lançada em 2005 pela Panda Books, a obra teve mais de 20 edições e mais de 300 mil exemplares vendidos, em dados divulgados antes do lançamento em filme em 2011, no qual a história da garota de programa Bruna Surfistinha foi vivida pela atriz global Débora Seco.

A biografia é assinada pela própria Surfistinha, pseudônimo de Raquel Pacheco, e se tornou *best seller* alavancando outras produções editoriais, como *O que eu aprendi com Bruna Surfistinha* e *Na cama com Bruna Surfistinha*. O material do primeiro livro foi originalmente publicado no blog no qual Raquel narrava as aventuras sexuais da garota de programa que se tornara, chamando especial atenção por ser filha adotiva de uma família abastada paulistana que se transformou em prostituta. O livro a apresenta como uma heroína atormentada que encontra seu final feliz ao conhecer o “príncipe encantado” que a faz mudar de vida.

A despeito das diversas descrições erótico-pornográficas que o livro representa, não houve escândalo, comoção social, nem censura contra a obra. Na verdade, a história da prostituta que se casa com um cliente e com vive “feliz para sempre” reforça a tradição romântica. O conto de fadas contemporâneo utiliza novos suportes para uma mesma sensibilidade moral. Bruna Surfistinha chega a ser pedagógica, desempenhando um papel que sempre coube às prostitutas na tradição de iniciação sexual masculina e é exemplar sua recuperação através do casamento.

Considerações finais

É principalmente na ágora, na praça pública, no espaço onde se confrontam as diferenças, que os valores morais podem ser tensionados, relativizados, revistos e, quem sabe, transformados. Dificilmente, se circular e for consumida no âmbito privado, a crítica social surtirá os desejados efeitos de transformar a sociedade. Assumindo uma perspectiva de análise



ISSN: 1983-8379

bourdiana, a leitura sociológica rompe com o encanto, mas também busca romper com preconceitos que estabelecem lugares imutáveis para os valores da arte.

Os mais entusiastas apoiadores da tecnologia não raro veem essas questões apenas como um fundo pano de fundo social, focando a maioria das análises sobre os meios digitais e a linguagem neles desenvolvida. Não duvidamos da capacidade revolucionária que o ciberespaço encerra quanto à maneira de contar histórias, mas se mantiver o mesmo padrão tecnocrata, ele continuará sendo apenas uma ferramenta para aplicação da mesma ideologia apesar de aparentemente colocar o leitor num lugar mais ativo.

Diante do panorama apontado neste trabalho, se faz necessário manter acesa a demanda por investigações que procurem encontrar caminhos para a ampliação do repertório de possíveis comportamentos e escolhas do interator. Nesse sentido, além de verificar que tipo de literatura está sendo produzida nos meios eletrônicos e sob que forma, há uma demanda por pesquisas multidisciplinares que tenham como objetivo não apenas a redefinição de habilidades técnicas de leitura interativa, mas de efetiva ocupação do espaço público virtual.

Referências

AGÊNCIA FRANCE PRESS. *Facebook exclui usuário que expôs obra "A Origem do Mundo", de Courbet, em seu perfil*. Disponível em:

<http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/afp/2011/02/16/facebook-exclui-usuario-por-expor-no-perfil-a-origem-do-mundo-de-courbet.jhtm>. Acesso em: 29 dez 201

BAÉZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque*. Trad. Léo Schalafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



ISSN: 1983-8379

COLI, Jorge. Rituais litúrgicos: O contemplativo e o voyeur canalha. *Folha de São Paulo*.

São Paulo: 25 set 2011. Caderno Ilustríssima, p.6-7.

FONSECA, Rubem. *Feliz ano novo*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Trad. Jorge Coli. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

MURRAY, Janet H. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Unesp, 2003.